

APRESENTAÇÃO:
“A FORÇA DA INÉRCIA DAS CRIAÇÕES
SOCIAIS”



Leonardo Dallacqua de Carvalho

Doutor em História das Ciências e da Saúde (Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz); Professor na Especialização Latu-Sensu em História, Cultura e Poder na Universidade do Sagrado Coração de Bauru e coordenador do Laboratório de Estudos em História da Saúde e das Doenças – LHSD, na Universidade Estadual do Piauí, em Campo Maior. E-mail: leo.historiafiocruz@gmail.com

Luiz Alves de Araújo Neto

Doutor em História das Ciências e da Saúde (Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz); Pesquisador visitante nível V do Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA); colaborador no Observatório História e Saúde e no Projeto História do Câncer: Atores, Cenários e Políticas Públicas, da Casa de Oswaldo Cruz. E-mail: luizalvesan@hotmail.com

Autoritarismo, Totalitarismo e Democracia foram as preocupações dos nossos autores ao pensarem cada tema escolhido. Estes conceitos, abordados aqui sob prismas teórico-metodológicos específicos ao arcabouço intelectual de cada autor e autora, fazem parte das nossas criações sociais que, como alerta Marc Bloch (2002, p. 63): “O homem passa seu tempo a montar mecanismos dos quais permanece em seguida prisioneiro mais ou menos voluntário”. Autoritarismo, Totalitarismo e Democracia são esses mecanismos que nos aprisionam, embora o desejo nem sempre seja o aprisionamento, mas a liberdade ou libertação.

A referência a Bloch é quase um clichê. No entanto, Bloch não é para esta coletânea apenas um ator histórico que trouxe importantes contribuições à compreensão da História, a qual definia como uma “ciência dos homens, no tempo”. Não se trata de aludir aos *Annales d’Histoire Économique et Sociale*, à formação da Escola dos Annales ou a qualquer outra questão de sua produção intelectual. Embora todas essas questões sejam constitutivas dessa personagem, o nosso farol está iluminando outra preocupação.

Quando escreve o inacabado *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, Bloch está preso. Foi capturado e torturado pela Gestapo, a polícia Nazista. Em 1944, foi fuzilado. Portanto, lembrar este autor e sua trajetória de vida deixa de ser somente um clichê ou uma busca por referências. É, na verdade, a lembrança do quão presos estamos a esses mecanismos que nos aprisionam, mais ou menos voluntários. *Apologia da História* torna-se, então, um texto angustiante. Não pela sua escrita ou conteúdo, mas seu desfecho. O inacabado capítulo cinco é também a leitura do último suspiro de um historiador morto pelo Nazismo. O que mais teria Bloch a dizer naquele quinto capítulo ou em outros? Jamais saberemos.

O trauma gerado após a Segunda Guerra Mundial foi decisivo para reavaliarmos o caminho que seguia a humanidade. Havia o desejo de esquecer os efeitos draconianos de uma Guerra e, ao mesmo tempo, traçar novas diretrizes para a convivência harmônica dos povos (MAIO, 1999). É bem verdade que o esquecimento ou o juízo que “aquilo pertencia apenas ao passado”, não era, embora compreensível, uma avaliação sóbria. A Guerra Fria é uma boa referência de que a amnésia coleti-

va não representou a ausência de conflitos e disputas, mesmo que na ausência de batalhas campais.¹

No Brasil, movimentos analíticos similares instigaram a historiografia a revisitar regimes autoritários e a discutir suas reentrâncias e descontinuidades em relação à vida contemporânea. Elemento marcante dessa retomada foram as teses produzidas por Alberto Vesentini, Edgar De Decca e Alcir Lenharo nos anos 1970, discutindo as bases narrativas, políticas e sociais do Estado Novo varguista - talvez ainda a experiência autoritária mais transformadora da vida institucional brasileira. Em paralelo, um grupo referencial de historiadoras debruçadas sobre a vasta documentação da Fundação Getúlio Vargas, representadas principalmente por Lucia Lippi Oliveira e Ângela de Castro Gomes, discutiram a seu modo o regime varguista, gerando fluente debate sobre nossas vidas autoritárias.

No andar do século XX, as ciências apresentaram evidências de que o discurso acerca das “raças puras” ou da “alta cultura material” - como representação de superioridade - era uma estratégia de dominância e não biológica. Assim, para a sua própria sobrevivência, o imperialismo precisou repensar novas estratégias de parasitismo.

Esse contexto não significou a superação dos antigos traumas. Na verdade, em certa medida, ocorreu a subestimação. O avanço dos Direitos Humanos, o Estado de Direito e a crença inviolável da Democracia como regime político fizeram crer que os autoritarismos e os totalitarismos estavam enterrados para sempre. Um erro de cálculo. Subestimou-se o fato de que essas vertentes se reinventam. O Neonazismo, por exemplo, sobrevive desde o final da Segunda Guerra. Adeptos da Ku Klux Klan, embora em menor número, proclamam, ainda no século XXI, suas soluções raciais. Mas podemos ir além. A década de 1990 veio a reboque de limpezas étnicas nos Balcãs; nacionalismos excludentes no Leste Europeu pós-comunista; criação do partido fascista, Alleanza Nazionale, em 1994; a extrema direita francesa na figura de Jean-Marie Le Pen (PAXTON, 2007, p. 285). Atualmente, multiplicam-se os exemplos de extrema direita que ascenderam ao poder: Trump, nos Estados Unidos; Viktor Orbán, na Hungria; Rodrigo Duterte nas Filipinas; e,

¹ Nem mesmo representou a ausência completa de ideias e movimentos fascistas, e.g. BERTONHA, 2015. Em relação à eugenia, ver CARVALHO & SOUZA, 2017.

sem esquecer da versão tupiniquim, o idólatra de torturadores Jair Messias Bolsonaro, no Brasil.

Periodicamente, o ressurgimento de propostas totalitárias e autoritárias aparecem em meio às crises globais nas quais socialismo e liberalismo se abraçam em uma desconfiança generalizada. As crises estão se avolumando e a saída aparenta ser inalcançável. Uma crise econômica é latente, especialmente após 2008. A crise imigratória aparece como outro problema de fluxo das populações sem solução. O imperialismo contemporâneo assume novas formas de dominância nos países, investindo na fragilidade de suas democracias. Golpes de Estado passam a ser prática comum. Sentimentos ultranacionalistas e o reavivamento de uma “Doutrina Monroe” ressurgem como argumentos de soberania. À luz da contemporaneidade, quase às portas de uma nova década no século XXI, sabemos a resposta sobre as reinvenções do autoritarismo e do totalitarismo. Eles estão aí, repaginados e clamando por novas experiências.

Dialogando com as reflexões de Eelco Runia (2015), o qual retoma temas importantes à historiografia e filosofia da história ocidental do século XX, realiza-se movimento similar ao dos anos 1970 e 1980, indagando o passado a partir de novo presente autoritário. Movidos por ele, o passado, nos cercamos de (in)compreensões sobre nosso presente e confrontamos horizontes de expectativa que assustam, preocupam e chamam à reflexão de combate. Como o homem kafkiano (ARENDDT, 2011), os autores desta coletânea foram espremidos pelos vetores do passado e do futuro para trazer novas reflexões sobre um tema tão premente e importante à vida social brasileira.

A presente coletânea discute, em perspectiva histórica, os temas relacionados ao totalitarismo, autoritarismo e democracia no Brasil. Uma das principais características está na amplitude e na diversidade das temáticas, havendo a liberdade intelectual para cada autor tratar do seu material de pesquisa. A atualidade dos trabalhos amplia a riqueza da nossa proposta.

Desse modo, Andrey Martin discute a questão energética e as propagandas em meio ao governo civil-militar brasileiro; Paulo Italo Moreira discute a atuação do Conselho de Fiscalização das Expedições Científicas do governo varguista; Pietra Diwan, famosa autora do livro *Raça Pura*, trata do controle populacional da esquerda; o historiador Renato

Dotta traz uma curiosa perspectiva sobre a forma de controle do Estado Novo contra Integralistas e “súditos do eixo”; Verônica Ipólito traz uma importante contribuição à discussão sobre a formação do mito da conspiração comunista; Danilo Bezerra, como bem pontua o autor, “trata da política cultural do Estado Novo em relação aos carnavais brincados na cidade do Rio de Janeiro durante esse período de cerceamento das liberdades individuais e políticas”; Diego Knack, especialista no período da ditadura civil-militar, nos brinda com o tema do “Moralismo, anticorrupção e práticas autoritárias”; Alexandre Andrade foca seu trabalho em Mário Graciotti e a questão autoritária nos impressos periódicos; Anderson Antunes discute a questão jurídica e o papel autoritário na Democracia; Eliza Vianna investiga a questão da AIDS e a ditadura civil-militar brasileira; Leticia Oliveira trata do Feminismo, Cordel e autoritarismo; por sua vez, Roger Gomes realiza uma importante pesquisa sobre o autoritarismo e a *Revista Brasileira de Psicanálise*.

Os organizadores do livro também buscam contribuir para a discussão. Enquanto Luiz Alves discute a medicina e o autoritarismo no Ceará, Leonardo Dallacqua de Carvalho desenvolve uma discussão cara ao Brasil do século XXI: Autoritarismo, “Escola Sem Partido”, Democracia e Paulo Freire.

A melhor forma de terminar essa introdução e expormos o objetivo dessa coletânea é com poeta e dramaturgo alemão Bertold Brecht (1898-1956) e a *Cruz de Giz* (2000, p. 124):

Eu sou uma criada. Eu tive um romance
Com um Homem que era da AS.
Um dia, antes de ir
Ele me mostrou, sorrindo, como fazem
Para pegar os insatisfeitos.
Com um giz tirado do bolso do casaco
Ele fez uma pequena cruz na palma da mão.
Ele contou que assim, e vestido à paisana
Anda pelas repartições de trabalho
Onde os desempregados fazem fila e xingam
E xinga junto com eles, e fazendo isso
Em sinal de aprovação e solidariedade
Dá um tapinha nas costas do homem que xinga
E este, marcado com a cruz branca
É apanhado pela AS. Nós rimos com isso.
Andei com ele um ano, então descobri

Que ele havia desfalcado minha caderneta de poupança.
Havia dito que guardaria para mim
Pois os tempos eram incertos.
Quando lhe tomei satisfação, ele jurou
Que suas intenções eram honestas. Dizendo isso
Pôs a mão em meu ombro para me acalmar.
Eu corri, aterrorizada. Em casa
Olhei minhas costas no espelho, para ver
Se não havia uma cruz branca.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. Séries Debates: Política. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011. 7ª edição.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BRECHT, Bertolt. Cruz de Giz. In: _____. *Poemas*. 1913-1956. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2000.
- CARVALHO, Leonardo Dallacqua de; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Continuidades e rupturas na história da eugenia: uma análise a partir das publicações de Renato Kehl no Pós-Segunda Guerra Mundial*. PERSPECTIVA (UFSC) (ONLINE), v. 35, p. 887-910, 2017.
- MAIO, Marcos Chor. *O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50*. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso), São Paulo, v. 14, n.41, p. 141-158, 1999.
- PAXTON, Robert Owen. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- RUNIA, Elco. *Moved by the past: discontinuity and historical mutation. European Perspectives: A Series in Social Thought and Cultural Criticism*. New York: Columbia University Press, 2015.